

Resenha

As guerras dos gaúchos: excelente coletânea organizada por Gunter Axt (2008)*

Luiz Roberto Pecoits Targa**

Economista da FEE

Esta, que há tanto faltava, história dos conflitos armados dos gaúchos organizada por Gunter Axt (2008) reúne um conjunto de 24 pesquisadores interessados no tema, de variadas formações intelectuais, incluindo cinco historiadores com formação militar. Malgrado a variedade, mantém-se uma grande virtude ao longo da obra como um todo: abundância de datas, eventos e localizações. Descrições de movimentos de tropas, de percursos náuticos, de tipos de embarcações, de manobras militares e diplomáticas. Precisos, enfim. História descritiva, mas, sim, precisamos também disso, e esse é o pilar, por excelência, da história militar. Não se pode esperar muito mais dela. E não se entenda, com essa asserção, que esse livro não seja fonte inestimável de preciosas informações.¹ Digo isso, pois que a esmagadora maioria dos textos se restringe à “história-batalha” *strito sensu*, ou seja, um longo e preciso (quase preciosista) desfiar de acontecimentos e de manobras militares, muito bem acompanhados de mapas que ilustram esses movimentos de tropas, de naus e de equipamentos, profusão de mapas que constitui um dos elogios maiores que se pode fazer à obra como um todo (pois que, em geral, são raros).² A “história-batalha”, enfim, parece estar sendo retomada sem alterações substanciais, inclusive, algumas vezes, com um de seus piores ranços: a tomada de partido

* Artigo recebido em dez. 2008 e aceito para publicação em dez. 2008.

**E-mail: Targa@fee.tche.br

¹ Mas isso é, como dizem os bons livros de receitas culinárias, o qb (ou seja: quanto baste) e já está “prá lá de tão ótimo”!

² Tristemente, porém, isso quer dizer que a “história-batalha”, por mais útil que nos possa ser, satisfazendo nossa curiosidade sobre um tema tão inacessível, não avançou desde 1929 até os nossos dias. Em 1929, na França, a “história-batalha”, menina dos olhos do Estado Maior do Exército francês, fora destronada pelas propostas mais inteligentes e abrangentes de história econômica, social e das mentalidades formuladas pelos fundadores da Escola dos Anais: Marc Bloch e Lucien Febvre (Arnould, 1953).

por parte do historiador.³ Talvez não haja mesmo o que mudar na prática séria (e atual) desse gênero de história.⁴ Nem todos os autores conseguem, no entanto, cumprir com todas as regras que se tornaram tradicionais da “história-batalha”.⁵

Uma curiosa abordagem é realizada por Helga Landgraf Piccolo, pois o teatro militar da guerra do Brasil contra Oribe e Rosas desaparece diante dos discursos dos parlamentares brasileiros e das conspirações e tramóias diplomáticas que se realizavam no Rio de Janeiro e em Buenos Aires. Fica, porém, uma forte impressão de que aqueles homens que lutavam a céu aberto eram meros fantoches de forças que se ocultavam alhures, ou que seus desejos e aspirações imediatas eram de menor valia. Ela não é explícita na proposição, mas sua abordagem é sugestiva e instigante. Em assim procedendo, ela nos dá um magnífico painel desde as origens do conflito entre os Impérios coloniais, que explica e ratifica as múltiplas guerras descritas no livro. Sem esse capítulo, nós leitores não poderíamos sequer entender corretamente o título da obra, pois é nele que é costurada a maior parte das várias guerras narradas e, portanto, é nele que aparecem o sentido de seu encadeamento no longo prazo e a origem da formação social e territorial sul-rio-grandense.

No entanto, a grande e rigorosa exceção dentro dos padrões desse tipo de história é o capítulo redigido por Spencer Leitman sobre a Revolução Farroupilha, que cumpre magistralmente com todas as regras do gênero ao longo de um texto absolutamente fascinante, que passeia do individual ao geral com uma agilidade impressionante. Sua reflexão sobre a Grande Revolução é tão audaciosa que se encerra com uma avaliação positiva — coisa rara entre historiadores tão responsáveis — da legitimidade do mito farroupilha para a sociedade meridional através das gerações que se sucederam ao fato. É, em suma, um capítulo absolutamente inteligente e completo.

³ Pois um dos piores traços da “história-batalha”, principalmente aquela praticada no século XIX e início do século XX, foi o seu caráter nacionalista e belicista, grande estimulador da Primeira Guerra Mundial. Macaqueada, aqui na América do Sul, nas tristes histórias nacionais excludentes e mentirosas do Uruguai, da Argentina e do Brasil sobre o Dr. Francia e os López do Paraguai e as da Argentina e do Brasil sobre Artigas, por exemplo. Nesse livro, uma postura desse tipo, unilateral, é tomada por Gunter Axt (2008) na narração da Revolução Federalista de 1893, tema e autor aos quais voltarei adiante.

⁴ Exceto por um tipo de abordagem original, que veremos mais abaixo.

⁵ Elas incluem, além da descrição das operações militares em si, também as de fornecer as fontes de financiamento das partes em guerra e seus respectivos montantes, bem como as conseqüências mais precisas e menos que as simplesmente genéricas do dito evento militar. Algumas vezes, imagino eu, por inexistirem as fontes, ou por serem essas de muito difícil acesso para o respectivo historiador, outras, talvez, por desconhecimento da exigência clássica, ou por estarem fora do alcance da curiosidade do autor (caso de excessiva especialização).

Um caso muito diverso dentro de todo o livro é o que tratarei a seguir.⁶ Hoje em dia, nenhum historiador, por melhor que seja, é obrigado a ser, ao mesmo tempo, um bom contador de histórias. Caso o seja, tanto melhor para o leitor. Pois que esse é o caso do original capítulo composto, com maestria maior, por Sandra Jatahy Pesavento sobre a Revolução de 1930. Nesse livro, ele se destaca do contexto geral pelo tratamento dado ao conteúdo militar da matéria, já que ela o maneja, inteligentemente, desde o ponto de vista de seu envolvimento pela sociedade concernida. É impossível esgotar os elogios também à sua qualidade literária, pois ele reconstrói o ambiente, o “clima” da Cidade de Porto Alegre no ano que antecedeu a Revolução e nos dias em que ela se efetivou. Em assim fazendo, ela abriu janelas de cenas e cenários que os historiadores, preocupados com tudo que é tido como sério e bem comportado, pensavam não valer a pena nos revelar. Ela nos desvendou um lado fascinante, o do cotidiano ordinário e simples. O capítulo parte dos humildes e apreensivos cochichos das mulheres das ruelas da Cidade Baixa para chegar, progressivamente, através dos inquietos movimentos dos militares e dos civis, ao Centro de Porto Alegre (do estranho e apreensivo silêncio que precedeu as cinco horas da tarde?), ao estrépito dos tiros, às correrias, aos atropelos e à tomada dos quartéis do Exército, percorrendo, depois, o interior do Rio Grande do Sul e do Brasil pelos caminhos de ferro, recheado de festas, de recepções, com flores e moças bonitas, até o Catete e a tomada do poder maior da República por Getúlio Vargas. O texto atravessa a sociedade de baixo até em cima, corta a cidade dos subúrbios e ruas até o Palácio Piratini e a política do Brasil do regional ao nacional. É magistral, encanta e chega mesmo a emocionar. E, fato não freqüente em Sandra, ela não é nem irônica, nem sarcástica em relação às gentes e aos personagens envolvidos nos acontecimentos, mas respeitosa, e, eu acrescentaria, até mesmo carinhosa. Assim, esse capítulo é um caso absolutamente à parte dentro do livro enquanto produto de engenho, sensibilidade e arte. Enfim, para os que conhecem o que penso e escrevo, pois que escrevo sempre o que penso (o que me tem trazido não poucos problemas), lembro que nunca poupei Sandra de ásperas críticas; desta vez, porém, e desta feita com um enorme prazer, dou minha mão à palmatória: Sandra produziu um texto de grande historiadora e, ao mesmo tempo, de uma muito boa contadora de histórias. O que é um enorme prazer para quem a lê. O capítulo, porém, é muito incompleto, faltam as fortes e sérias razões que

⁶ Mas, antes, é preciso que eu faça um breve comentário. Na sua origem mais remota e fantasiosa, os “historiadores” foram, muito provavelmente, bardos contadores de histórias, dentre elas, as dos feitos dos heróis, míticos ou não, de seus povos. Contavam ou cantavam sobre suas batalhas, dos seus combates fabulosos, dos perigos pelos quais passaram suas gentes e por que sobreviveram. Quase sempre, as proezas possuíam caráter militar, ou se lhe assemelhavam.

levaram esses gaúchos até o Catete e, pelo menos, as conseqüências maiores de sua estadia por lá. Mas, Sandra diria, isso são outras estórias, tal como, durante mil e uma noites, fez Sherazade...

Por fim, vamos a temas mais espinhosos: ao capítulo de Gunter Axt sobre a Revolução Federalista. A crer no historiador, não existiram forças legalistas nessa guerra civil, pois são descritos quase exclusivamente os movimentos das tropas dos contra-revolucionários (pois, de fato, é desse tipo de força política que se trata). Gunter, que é um excelente escritor, parece um Euclides da Cunha canhestro, pois este, n' **Os Sertões**, descreve as expedições do Exército brasileiro a lutar incansavelmente contra um inimigo invisível, mas que produz efeitos devastadores nas tropas oficiais.⁷ Na descrição de Gunter, minuciosamente rica dos movimentos militares, não se chega a compreender como gente tão heróica e brava e militarmente inteligente, como os maragatos, foi capaz de ser derrotada por um inimigo que não é ninguém, que é um nada: praticamente, uma fumaça. É que Gunter tomou partido e decidiu produzir uma história para os herdeiros dos maragatos, pensando, talvez, que, para isso, fosse necessário apagar, literalmente, a existência do oponente opressor. Assim, resenhar esse capítulo de Gunter sobre a guerra civil de 1893 é o mesmo que produzir um ensaio sobre a cegueira do autor. O texto resultante é uma deformação, embora nos resgate os mais importantes movimentos militares dos contra-revolucionários, o que, em si mesmo, é já de grande valia. Mas vamos à interpretação da violência impetrada durante essa guerra, que não está no próprio capítulo, mas na **Introdução** do livro, também da lavra de Gunter Axt, pois que é o organizador da obra.⁸

⁷ Portanto, um inimigo que existe concretamente, que se faz presente a cada operação mortífera, deixando seu rastro concreto de efeitos que se constituem em ameaças aterrorizantes para a soldadesca do Exército que o persegue e cerca.

⁸ Antes disso, porém, faço um comentário sobre uma sua conclusão sobre a queda de Jango em Porto Alegre, no final do último capítulo do livro. Ali, Axt (2008, p. 462) conclui que os tempos das românticas revoluções à gaúcha haviam passado. Pois a essa conclusão já havia chegado Rubens de Barcellos (1960), com riqueza de detalhes, em 1925, quando de seu famoso debate com Paulo Arinos (à época, pseudônimo do jovem crítico literário Moysés Vellinho). Escrevera Barcellos, no *Correio do Povo* de 30 de agosto de 1925: "Não se iluda meu jovem amigo. A luta de 1923 veio provar que a tradição de rebeldia guerreira está em declínio. Foi um surto tardio, agônico, duma força em recuo. A guerra política, pelejada à gaúcha, está a passar: é uma viajeira que marcha, no tranquilo, no rumo das antigualhas. Se não viramos a última página da nossa História, estamos a soletrá-la, nas últimas linhas, bem no fim, quase a virá-la para sempre. Já pensou o meu amigo que os homens da revolução, que a fizeram, que a dirigiram, acaudilhando-a, foram veteranos, representantes da tradição, forças reacionárias do passado? Fortes e bravos, sem dúvida. Mas que fizeram, senão fugir dos trens de ferro, dos automóveis, dos telégrafos, das metralhadoras, manejados pelas mãos da autoridade? O progresso material, com a sua teia de forças mecânicas e

Eu diria que, para interpretar a violência exercida durante a Revolução Federalista, Gunter apelou para procedimentos comparativos exógenos à história da região, além de produzir uma leve tendência a induzir o leitor a compreender a violência maragata como (mera) resposta à violência e à arbitrariedade do Estado castilhistas e florianista (frágil, porque em instalação), o que não me parece correto, pois que ela provinha de ambos os lados. Além disso, era uma prática comum na grande região platina, nada a estranhar, portanto.⁹ Suas reflexões, a meu ver, remetem a uma descontextualização, principalmente aquelas retiradas de André Corvisier (1999), que é um insólito intelectual francês¹⁰. As reflexões sobre a violência e a guerra, que ocupam um espaço tão grande na Introdução, e, sobretudo, as focadas na pretendida e quase exclusiva violência praticada pelo Estado na Revolução Federalista, me parecem descontextualizadas. Não há por que comparar o que ocorreu aqui em termos de degola e emasculação com práticas já abandonadas na Europa séculos antes (ah! Seriam esses costumes mentais de colonizado? Sempre a pensar que os europeus estão mais avançados!). Pois, se o ato é o mesmo, o que o define não é “o em si próprio”, mas o significado que ele tem dentro do ambiente histórico e político em que é executado. A radicalidade do ato, ou a regressão a formas de violência

interesses econômicos, inimigo implacável das antigas formas de heroísmo gaúcho, circunscrevendo-lhe e limitando-lhe a ação, manietou-o venceu-o” (Barcellos, 1960, p.116-117). E, para dissipar dúvidas, no mesmo livro, está publicado um texto de Barcellos, produzido em 1923, contra a política intervencionista de Borges de Medeiros e a favor dos revolucionários de 1923. Rubens foi um profeta, pois anteviu as próprias transformações desse tipo de heroísmo. E é curioso como todos aqueles argumentos de Barcellos, adaptados, encontram correspondentes no parágrafo final da conclusão de Gunter para o capítulo e para esse enorme e maravilhoso livro. Além disso, esse depoimento da época contradiz as bravatas de Assis Brasil nas negociações de paz transcritas nos documentos do capítulo referente à Revolução de 1923, de autoria do ilustre Paulo Brossard.

⁹ A constatação da regressão, no entanto, seria correta, se comparada aos padrões platinos de então, pois, se acreditarmos em Décio Freitas (1999), malgrado ele seja uma fonte muitas vezes fantasiosa, os jornais platinos estampavam espanto com os elevados níveis atingidos pela carnificina e pelas crueldades praticadas nessa guerra civil gaúcha.

¹⁰ Embora Corvisier seja um consagrado historiador militar francês, católico, benquista frequentador do Estado Maior do Exército francês, tem um perfil algo delicado para ser tomado como fonte, para dizer o mínimo! Por outro lado, seu apresentador na obra citada (Corvisier, 1999), Pierre Chaunu, estimulador e amigo de Corvisier, é o importante fundador da história quantitativa na França, mas também um historiador das religiões, mais precisamente, da cristã, à qual não poupa elogios ou atitudes complacentes (mesmo quando das mortandades propagadas), apresentando, assim, a meu ver, atitudes inaceitáveis. Material teórico sujeito a controvérsias, pois, por exemplo, o texto de Corvisier é recheado de citações e exemplos retirados do Antigo e do Novo Testamento, sendo que, algumas vezes, os personagens míticos do Velho Testamento parecem ser tomados por personagens históricos.

mais primevas, é expressão, para mim, da profundidade da mudança social e política que estava a ser atravessada.¹¹ Abstrair a violência praticada de sua circunstância histórica serve a múltiplas causas, ou seja, a qualquer causa. Ou é um simples desvairio: um capricho do historiador, por exemplo¹².

Parece-me que é uma lacuna dessa Introdução não relacionar esse rico material bélico com a formação, a constituição, a estruturação e as características específicas que foi tomando, passo a passo, a sociedade meridional, tal como eu já esboçara em Targa (1991)¹³. As muitas guerras dos gaúchos apresentadas no livro ficaram desprovidas de um esforço de encadeamento com a sociedade meridional como um todo. Assim, elas ficaram dispersas e desarticuladas em migalhas, pois, à parte a referência ao texto de Helga L. Piccolo, ela se dedica

¹¹ Eu prefiro buscar sua explicação na circunstância histórica da sociedade gaúcha, que vivia sua passagem de um modo de produção escravista para o capitalista e que assistia o arrancar do poder político das mãos da oligarquia rural tradicional pelas mãos de uma vanguarda política (socialmente e absolutamente minoritária e vulnerável) que trataria de expandir o poder burguês na sociedade meridional (Targa, 2003). Para mim, é essa a razão maior da violência impetrada.

¹² Exemplifico com um capricho de um outro pesquisador: uma historiadora francesa, cujo nome não merece ser citado aqui (pelo motivo que se verá abaixo), aceitava acriticamente que Júlio de Castilhos possuía um quarto de hotel reservado especialmente, em Porto Alegre, para receber as cabeças de seus inimigos. Ela não se dignava sequer a identificar a fonte da informação, por isso mesmo não é digna de referência. E, se Gunter também esteve a proceder caprichosamente, talvez tenha sido por isso que esqueceu do bárbaro terrorismo de Estado praticado pelos exércitos latino-americanos, durante a Operação Condor, no Cone Sul e pelo Exército norte-americano no Iraque, por exemplo? Fato que, aliás, contradiz sua tese (retirada de Corvisier) de que a violência é disciplinada e minimizada pelos exércitos nacionais regulares (e expandida e regressiva) na guerra movida pelos militantes ligados a seitas religiosas, etnias, *partisans* nacionalistas, etc. Aliás, seria uma outra omissão de sua fonte francesa que as técnicas antiterror utilizadas pelos Estados nacionais americanos (tanto o do Norte como os do Sul) foram aprendidas com os militares da extrema direita derrotados na Indochina francesa, que, por não quererem sofrer nova derrota na Argélia, desenvolveram técnicas eficientes de luta antiterroristas (Corvisier, 1999, p. 351), extremamente cruéis, violadoras dos direitos humanos elementares, impiedosas e ilegais, que passaram a ensinar a quem pudesse se interessar. E os exércitos latino-americanos do Cone Sul estiveram entre os primeiros a interessar-se (ver o excelente e meticuloso documentário **Esquadrão da Morte: a Escola Francesa** da jornalista francesa Marie-M. Robin (2003)).

¹³ No referido artigo, vinculei estreitamente a formação da fronteira em guerra com a constituição da diversidade social sul-rio-grandense, uma originalidade maior da sociedade meridional no contexto brasileiro seu contemporâneo.

às relações com as formas de violência. E essa reflexão de costura histórica no longo prazo era, por direito e dever, do organizador da obra¹⁴.

Mas, para encerrar, de qualquer maneira, Gunter produziu uma **Introdução** incompleta, equivocada e omissa, porém organizou, descritiva e iconograficamente, um magnífico livro, que, sem dúvida, já é um marco na historiografia sul-rio-grandense, para dizer o mínimo. O resto é inveja, talvez e até mesmo os motivos que geraram esta resenha.

Referências

ARNOULD, Maurice-A. **Vingt années d'histoire économique et sociale: table analytique des "Annales" fondées par Marc Bloch et Lucien Febvre (1929-1948)**. Paris: Armand Colin, 1953. 345p.

AXT, Gunter (Org.). **As guerras dos gaúchos: história dos conflitos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. 524p.

BARCELLOS, Rubens de. **Estudos rio-grandenses: motivos de história e de literatura**. Porto Alegre: Globo, 1960. 151p.

BOUTHOUL, Gaston. **Traité de polémologie: sociologie des guerres**. Paris: Payot, 1970. 560p.

CORVISIER, André. **A Guerra: ensaios históricos**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1999. 370p.

ROBIN, Marie-Monique. **Escadrons de la mort: l'école française**. France: Idéale Audience, Canal +, Arte, TV 3, 2003. (60 min.) Disponível em: <www.imdb.com/title e <http://wikipédia.org>>.

FREITAS, Décio. **O homem que inventou a ditadura no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 1999. 240p.

TARGA, Luiz Roberto Pecoits. O Rio Grande do Sul: fronteira entre duas formações históricas. **Ensaio-FEE**, v.11, n. 2, p. 308-344, 1991.

TARGA, Luiz Roberto Pecoits. 1893: interpretações da guerra. **Ensaio-FEE**, v. 24, n. 1, p.127-150, 2003.

¹⁴ Em vez disso, ele optou por ocupar-se com comparações (algumas um tanto discutíveis) para explicar um caso isolado dentro do livro, mas central para ele: o da violência castilhistas, que, analisada unilateralmente e em si mesma, também é um fato discutível.

